

<p>Textos redigidos pelos alunos do 12º Ano de Artes Visuais</p> <p>Reflexão sobre a unidade de trabalho subordinada ao tema: “Auto-representação / Auto-retrato”</p>	<p>Identificação da amostra</p>
<p>No projecto do auto-retrato fiz uma recolha daquilo que mais se identifica comigo, escolhendo objectos e aspectos que eu mais gosto, como a parte do meu corpo que mais aprecio.</p> <p>Numa fase seguinte analisei os meus desejos e sonhos tentando encontrar uma forma de retratá-los no meu trabalho.</p> <p>A parte do meu corpo que escolhi foram as costas, pois é como já fiz referência, a parte que mais gosto em mim. Fotografei-as e coloquei a fotografia numa tela rectangular na vertical.</p> <p>Posto isto, decidi desenhar nelas tatuagens, porque tenho um gosto especial por elas e adoraria ter mais que uma (tenho uma), algo que infelizmente “não posso” (não me permitem) fazer.</p> <p>Numa outra tela, quadrada por sua vez, representei vários elementos que simbolizam as minhas preocupações, como por exemplo: um relógio (tempo), Cristo (religião), batons (vaidade e aparência), etc... Utilizei técnicas mistas usando materiais tais como lápis de cor, tintas de vários tipos e colagens.</p> <p>No final do trabalho, apercebi-me que o meu objectivo estava completo com sucesso pois a minha obra transmite exactamente aquilo que eu sou, os meus desejos, gostos e sonhos.</p> <p>Foi sem dúvida um dos trabalhos que mais me deu gosto realizar.</p> <p>Título do trabalho: <i>S/título</i></p>	<p>12A</p>
<p>Não gosto de escrever sobre os trabalhos que faço. Nem gosto de falar de mim.</p> <p>E é por isso que neste trabalho conseguimos observar a minha pessoa com óculos de sol que contêm o meu próprio reflexo que por sua vez me está a tirar uma fotografia.</p> <p>Baseei-me em auto-retratos de fotógrafos que fazem coisas parecidas, alguns também se escondem atrás das máquinas. Não é bem um auto-</p>	<p>12B</p>

<p>retrato, é mais uma auto-representação porque no fundo aquele indivíduo representado podia ser qualquer um.</p> <p>Neste trabalho utilizei três tipos de materiais: a grafite, a tinta-da-china e o lápis de cor. A minha própria reflexão nos óculos é a única parte do trabalho com cor, o resto é a preto e branco... o que os outros vêm de mim e o que eu vejo no lugar dos outros será mais verdadeiro?</p> <p>Título do trabalho: <i>S/título</i></p>	
<p>Auto-retrato? Auto-representação? Retrato? Fotografia? Espelho? Bilhete de Identidade? O que é que todos estes elementos têm em comum? O que é que mais os distingue? Será que são todos a mesma coisa? Ou não têm nada que os relacione? Afinal de contas o que mais mostra quem eu sou? Não... ninguém o mostra completamente, porque a personalidade não se mostra de uma vez, vai-se revelando.</p> <p>Penso que antes o meu auto-retrato trataria do meu aspecto físico, no meu caso: o cabelo castanho encaracolado, os olhos verdes, não muito baixa nem muito alta, nem muito gorda nem muito magra. Tudo isto apareceria se me desenhasse. Se escrevesse também apontaria características psicológicas que me revelam, como o facto de ser extrovertida, animada, romântica, sensível, alegre, bipolar, stressada, perfeccionista, ansiosa e nervosa para além de dar muito valor á amizade. Apresentar-me-ia como uma princesa que gosta de toda a gente.</p> <p>Agora com base nos estudos, nas aprendizagens e reflexões da vida apercebi-me que um auto-retrato pode ser muito mais e que pode exigir uma perspectiva mais abrangente, mais artística, tendo em conta o que os outros encontram de comum entre o meu auto-retrato e o deles mesmos.</p> <p>Assim, todos os aspectos que falei anteriormente têm o mesmo princípio – “eu” – mas distinguem-se por aquilo que posso, consigo ou quero revelar.</p> <p>No auto-retrato penso na minha perspectiva sobre mim própria, física e psicologicamente, enquanto que a auto-representação vai para além</p>	12C

disso, usando o próprio corpo para recriar e para representar o que se quer sem ser a personalidade. Por vezes talvez se mostre sem intenção. O retrato também pode revelar muitos aspectos acerca da personalidade, mas na perspectiva de outra pessoa.

O espelho e a fotografia também são interessantes no auto-retrato. Para mim a fotografia apresenta um momento onde posso reconhecer a minha imagem ou não me identificar nada com ela. O espelho reflecte algo mais... o que nós não vemos, a nossa perspectiva viva, o que os outros estão sempre a ver.

Este projecto teve várias fases. Primeiro começou pelo desenhar de várias linhas de rosto de dez expressões minhas diferentes que iriam fazer parte das peças de um mobile. Cobri estes desenhos com papel transparente de quatro cores diferentes (rosa. Verde, azul e amarelo) e recortei os suportes em formas redondas. No lado inverso destas peças coloquei frases retiradas de letras de músicas com que me identifico e ainda mais com a expressão que se encontrava na outra face. Depois encontrei doze objectos diferentes que simbolicamente me caracterizavam: uma bailarina; um doce, visto que sou gulosa e infantil; uma pilha, porque sou super enérgica; uma ponta (de ballet), onde voo para sonhos mais altos; um pompom cor-de-rosa, pela leveza e feminilidade; um relógio, pois sou considerada o despertador da família (sem noção alguma de tempo!); um frasquinho com líquido como recordação de um trauma de infância (a água); uma caneta, visto que adoro escrever e que pode representar também o símbolo de uma grande amizade de infância; uma rosa juntamente com um sapo que, para mim representa o papel mais emocionante que desempenhei no palco, para além de me terem sido dados por uma das pessoas mais importantes da minha vida – a minha mãe; um caracol do meu cabelo pela característica física que mais me distingue; dois brincos supersticiosos nas cores que mais reflectem a minha pessoa “preto no branco” e finalmente o meu BI, nada melhor para me identificar, “não”? Este auto-retrato “mobile” (sempre em movimento, sempre em mudança!) foi fotografado e filmado. Depois em conjunto com fotografias das minhas vivências e músicas que me marcaram montei um filme final com imagens fixas e em movimento. Tentei mostrar alternadamente as

<p>minhas várias faces, qualidades e defeitos. Não me importa, eu sou mesmo assim. Amanhã talvez já não seja, quem sabe?</p> <p>Título do trabalho: <i>Espelhos em rotação</i></p>	
<p>É um pouco complicado “explicar-me” por escrito, isto é, explicar o porquê do meu auto-retrato.</p> <p>Não sabia como me havia de “definir” pelo desenho (tanto como vai ser difícil explicar o meu trabalho por palavras).</p> <p>Resolvi, portanto, começar por pedir aos meus colegas para me dizerem o que se lembravam quando pensavam em mim. Das palavras que disseram comecei por fazer esboços. No início foi difícil decidir como iria fazer um trabalho que, no final, ao olhar para ele, me visse a mim mesma. Era isso que eu queria, mas foi bastante complicado.</p> <p>Depois pensei que uma das coisas que mais caracteriza os meus trabalhos é o facto de eu representar mãos em quase todos eles. Elas são o meu instrumento, o que fica entre mim e aquilo que construo nos desenhos, pinturas, etc. Foi então que decidi fazer uma mão gigante e, nas rugas da mão, escrever as minhas informações pessoais, como o nome, a morada, número de telefone, entre outras informações básicas que parecem ser muito importantes para identificar uma pessoa...mas que depois pouco dizem sobre quem ela realmente é.</p> <p>Para além disso decidi colar, destacada, uma foto minha tirada da página do facebook, porque é um sítio que nos nossos dias se torna importante para as pessoas falarem sobre si e se relacionarem com outras pessoas.</p> <p>A minha ideia era apresentar uma fotografia como trabalho final e em vez da minha cara, estar a mão que desenhei.</p> <p>Gostei bastante de fazer este trabalho por várias razões: por ser um trabalho de grandes dimensões (tive de pintar e desenhar de pé, o que me agradou bastante) e livre quanto aos materiais que podíamos usar; desenvolvi mais conhecimentos sobre a técnica da pintura a acrílico, mas também sobre programas de computadores para tratamento de imagens.</p>	<p>12D</p>

<p>A minha ideia, depois de fazer o meu trabalho, era que qualquer pessoa que me conheça minimamente, ao olhar para o meu trabalho, veja que é meu, por ter tantas características minhas e dos meus outros trabalhos. Conclusão, penso que foi bastante gratificante fazer o meu auto-retrato tanto para conhecer melhor as minhas capacidades, como para dar a conhecer às outras pessoas o que penso e como sou.</p> <p>Título do trabalho: <i>S/título</i></p>	
<p>Para este projecto escolhi trabalhar sobre o tema da auto-representação e parti da minha vontade de me desenhar em tamanho real. Essa ideia evoluiu depois para a colagem do “boneco” no meio da cidade, inserindo-o no contexto urbano que me rodeia.</p> <p>O meu trabalho começou por ser uma fotografia tirada pela professora noutra altura. Nessa foto, a minha aversão a ser fotografado levou-me a tapar a cara e achei, então, que era a fotografia ideal para transmitir aquilo que queria.</p> <p>Comecei por projectar a fotografia na parede, ajustando-a ao meu tamanho, para lhe desenhar os contornos e começar a pintar o “boneco”. Foi por esta altura que decidi que o desenho teria o estilo de um “cartoon” e que o iria espalhar pela cidade tirando fotografias ao lado dele. Depois de finalizado o desenho, recortando-o do suporte de papel, fui para fora da escola escolhendo cenários que os alunos conhecem, mas que ao mesmo tempo podiam pertencer a uma outra cidade qualquer.</p> <p>Foi interessante ver a reacção das pessoas que passavam e ficavam nas fotografias, alheias ao projecto.</p> <p>E também foi muito bom trabalhar em conjunto com o resto da turma, que serviram de figurinos e me ajudaram a tirar as fotografias.</p> <p>Este trabalho reflecte bastante de mim, por estar sempre a esconder-me e a evitar que me vejam, mas funciona mais no sentido inverso, não deixar sair o que há dentro de mim.</p> <p>É a minha auto-representação, não um auto-retrato, são imagens do meu corpo (tanto no desenho como na foto), é um “boneco” e não quem</p>	12E

<p>sou. Quem olha para este trabalho não pode deduzir o mínimo de mim, não pode saber o que estava na minha cabeça quando o fiz. No entanto pode talvez pensar que a imagem que vemos de qualquer pessoa é só uma pequena parte dela.</p> <p>Título do trabalho: <i>You Know Nothing</i>.</p>	
<p>O meu auto-retrato foi realizado a partir de uma fotografia que tem como cenário a estação de S. Bento. Para mim tem um significado importante visto que foi um ano de mudança. Não só representa o comboio que passou a ser o meu principal meio de transporte (passo muito tempo dos meus dias na estação e no comboio) como também demonstra a distanciação da realidade, fugir de um modo de vida, é como um refúgio dos problemas, é o querer ir mais além.</p> <p>Os materiais que escolhi para a realização do meu auto-retrato foram os pastéis de óleo sobre suporte de papel, pois queria dar um aspecto inacabado e “tremido” ao desenho, como se fosse uma memória.</p> <p>Não tive nenhuma obra de outro artista como inspiração, baseei-me em mim mesma.</p> <p>Título do trabalho: <i>Auto-retrato</i></p>	12F
<p>Na elaboração deste trabalho, sendo um projecto tão pessoal e íntimo, decidi elaborar uma máscara da minha própria face.</p> <p>Em primeiro lugar, coloquei gesso na minha cara, sobreposto de creme, fazendo um molde, à excepção dos olhos.</p> <p>Depois de seco, tive de o forrar com pasta de papel e novamente gesso, devido à fragilidade com que se encontrava a máscara. Por fim, coloquei o molde sobre uma plataforma de esferovite, sustentada numa espécie de palhinha. Coloquei, ainda, uma frase afirmando o seguinte:</p> <p>«Primeiro coloque a máscara, depois tente esconder aquilo que eu vejo...»</p> <p>Com esta afirmação tento completar aquilo que tento transmitir com o projecto total. Assim sendo, esta é a minha intenção:</p>	12G

<p>Uma máscara pode ser o molde de qualquer coisa, nomeadamente uma cara. Baseei-me neste conceito, uma vez que não é exactamente o real, aquilo que é, mas sim uma cópia feita a partir do meu rosto. Para além disso o molde pode ser modificado, até falsificado, transformando-se numa marca que se torna uma visão alterada da realidade (do objecto referente).</p> <p>Por fim, uma máscara pode ainda proteger ou mostrar algo, melhorando ou piorando a visão por baixo dela.</p> <p>Penso que as pessoas normalmente acham que é fácil conseguir colocar-se no lugar dos outros e julgar o seu ponto de vista. O que eu queria era que ao colocarem a máscara/molde de outra pessoa (neste caso a minha) sentissem que isso é mais difícil do que julgam e que, no fundo, o que é mesmo interessante são as nossas diferenças.</p> <p>A ideia que mais me fascinou na elaboração deste trabalho foi o facto que eu não querer transmitir ao observador nada da minha personalidade, apenas dando importância, não àquilo que eu sou mas aquilo que o espectador pode ser através de mim.</p> <p>Título do trabalho: <i>S/título</i></p>	
<p>Para a realização do meu auto-retrato foi muito útil elaborar um plano de trabalho através de esboços. Com estes esboços pude explorar ideias e definir objectivos para o trabalho proposto.</p> <p>A minha maior influência neste projecto foi a artista Helena Almeida, que utiliza muito a mancha como sendo o seu próprio corpo. Procurei como influência o trabalho desta artista pois esta procura misturar-se/definir-se com os elementos da imagem, ou seja, o seu corpo transforma-se em mancha, ou em linha, ou em ponto...</p> <p>Optei por usar apenas três materiais: os lápis de grafite, lápis de cor vermelho e aguarela sobre papel.</p> <p>Na tentativa de traduzir uma ideia do “eu” preferi que a minha imagem fosse reconhecível, talvez para transmitir que não sou algo indefinido, mas sim sou eu, como me vejo todos os dias ao espelho.</p> <p>Para o meu auto-retrato optei por concretizar uma sequência narrativa</p>	12H

<p>na qual uma mancha vermelha vai cobrindo todo o meu corpo.</p> <p>A sequência que realizei traça uma ligação entre o meu exterior e interior, pois no fim o que conta é a alma, o interior e personalidade de cada um, neste caso o meu. Mas é difícil explicar a mensagem que este pode transmitir por isso deixo ao critério de cada espectador.</p> <p>Mantenho um rosto sério no início, mas a minha expressão vai mudando, pois nem todos os momentos são de tristeza, também contem momentos bons, aqueles em que ri ou até mesmo daqueles em que tenho medo.</p> <p>O que tenho vestido representa apenas a simplicidade que transmito, pois não sou materialista e apegada a coisas inúteis, e mesmo o trabalho em si está muito simples, sem fundo, apenas a minha auto-representação.</p> <p>Título do trabalho: <i>S/título</i></p>	
<p>No meu auto-retrato apresento a minha própria imagem (utilizando pintura e desenho) em tamanho gigante.</p> <p>A minha imagem surge em contradição com o meu tamanho real, ultrapassando as minhas medidas.</p> <p>A minha alma é maior que eu? Ela olha para mim como se soubesse mais que eu...</p> <p>Parti de uma fotografia que me foi tirada durante a realização de um outro trabalho, para demonstrar que me sinto bem ao desenhar. Com essa imagem, fiz um desenho, onde usei acrílico e pastéis.</p> <p>Concluindo, ao fazer este trabalho tentei dar a conhecer às pessoas um outro lado de mim, com isto talvez elas se coloquem na mesma situação de questionamento que eu impus a mim própria.</p> <p>Título do trabalho: <i>A foto da alma</i></p>	12I
<p>Este trabalho que nos foi proposto fazer, fez-nos pensar na pessoa que nós somos e como nos caracterizamos.</p>	12J

<p>Todas as cores que estão apresentadas no meu trabalho (azul, vermelho, amarelo, verde, cor-de-rosa...) são cores vivas, com a quais me caracterizo. Os lábios, os olhos e os cabelos estão mais chocantes, estão mais a chamar a atenção porque são partes de mim, que eu gosto!</p> <p>O trevo de quatro folhas na minha face, representa a marca de roupa Miss Sixty e também a planta que eu mais gosto. O trevo também marca as páginas dos livros que eu vou lendo...</p> <p>Os materiais utilizados foram os lápis de cor, pastéis de óleo e também grafite e são estes os materiais com que eu prefiro trabalhar pois acho que a minha técnica tem vindo a melhorar.</p> <p>A camisa que eu tenho vestida é uma das minhas peças de roupa preferidas pois é aquela que eu me caracterizo totalmente, daí tê-la comprado!!</p> <p>Título do trabalho: <i>S/título</i></p>	
<p>Para mim, um auto-retrato faz-se de acordo com as várias facetas do autor; um momento, muitos momentos, sensações.</p> <p>Não basta retratar a própria cara, nem mesmo o olhar. Um indivíduo não se distingue pela cara/corpo, mas sim pelas suas ideias, o seu interior. Por isso me viro de costas para a própria imagem. Com isso também estou no lugar de quem olha para a imagem, pensando acerca dela.</p> <p>Visto que me considero alguém bastante instável, embora “por fora” não o pareça, decidi auto-retratar-me utilizando e explicando os vários efeitos de tipos de droga diferentes. Ora é uma ideia extremista, porém nada retrata tão bem a instabilidade como a droga. A paranóia, a angústia, a vaidade, a depressão, a apatia, o êxtase... tudo isto é altamente potencializado através da droga.</p> <p>Assim, cada cara representa, não só uma droga, mas também um estado de espírito; esse conjunto de emoções descreve-me. Para além de me descrever, descreve quase todas as pessoas e os seus problemas. Sim todos temos problemas, manias, defeitos... Foi esta a (minha) faceta que quis representar: a dos extremos.</p>	12K

<p>Digamos que se trata também de superficialidade/profundidade. Sou bastante assim, o que se vê, não é o que sou. Tal como todas estas expressões... o que as levou a ficarem daquela forma. Sou desorganizada, daí a composição não ter ordem específica; sou impulsiva, daí que o trabalho seja tão cru, com cores cruas e primitivas. Não penso, faço, quando faço...</p> <p>Não há luz, tal como não há sombras, aquelas caras vivem num vácuo, noutra dimensão. São assim porque tentam fugir da pressão e encontram-se naquele estado por não saberem como lidar com a realidade.</p> <p>Então... é mais fácil recorrer a distrações, do que aceitar certos aspectos da vida. É mais fácil alienar-se de tudo.</p> <p>Utilizei canetas pois são um material, na minha opinião, infantil. Tal como toda aquela atitude. Não há nenhuma técnica em especial na forma como foi feito o auto-retrato. Figuras contornadas a preto, muito básicas. Básicas em igualdade com aquela linha de pensamento.</p> <p>Por fim todas as caras representadas são as minhas inúmeras facetas más. E não encontrei melhor maneira de as explicar, por isso utilizei os efeitos da droga.</p> <p>O contraste entre quem sou e o que quero ser.</p> <p>Título do trabalho: <i>S/título</i></p>	
<p>A fotografia que eu escolhi para o meu auto-retrato tem um valor muito importante para mim, porque foi numa altura em que eu me sentia bem comigo mesmo e revela um pouco de mim.</p> <p>Nesta fotografia estou com um sorriso na cara, um sorriso que tento manter sempre, mesmo quando as coisas não me estão a correr bem. Estou também ao telemóvel, coisa que não consigo viver sem.</p> <p>Podia pura e simplesmente ter tirado só a fotografia, mas com o desenho acaba por ser algo mais feito por mim. Aliás acabei por ampliar só um pormenor da fotografia, mostrando só aquilo que me interessava nela. O trabalho foi realizado com carvão em lápis e em barra sobre papel de cenário.</p>	12L

<p>Com este retrato pretendia, de certa forma, preservar memórias anteriores e ter, para sempre, uma lembrança de como eu era quando tinha 17 anos. Penso que concretizei os meus objectivos, visto que o retrato ficou parecido comigo e até elogiado por alguns dos meus colegas.</p> <p>Este foi também o trabalho ao qual me dediquei mais e me esforcei para que ficasse bem como desenho de observação. Demorei cerca de uma semana e quando começava a trabalhar nele não conseguia parar até que a aula acabasse. Foi das poucas vezes que senti orgulho numa coisa que fiz ao longo do ano e espero que ao longo da vida consiga realizar trabalhos tão bons (penso eu) ou melhores que este.</p> <p>Título do trabalho: <i>Eu</i></p>	
<p>Este trabalho foi bastante importante para reflectir sobre mim próprio, interior e exteriormente.</p> <p>O tema (auto-representação) fez-me questionar a minha existência, o que faz de mim o que sou, onde estou e para onde vou. Inicialmente tive a ideia de apenas encher uma folha com imagens minhas, mas obviamente cheguei á conclusão de que a banalidade das comuns representações não se adaptava à complexidade do meu interior.</p> <p>Após esta conclusão decidi debruçar-me sobre os meus gostos, acontecimentos passados e o que faz de mim “eu”. Logo, fui recolher elementos importantes para mim e também elementos que dizem algo de mim, para poder transmitir o meu interior para um suporte não restrigente. Com a ajuda da professora cheguei à conclusão que queria fazer uma instalação/colagem. Utilizei cores que para mim representam estados de espírito presentes no meu dia a dia.</p> <p>Após fazer a junção dos elementos com as cores (cada um colado consuante o significado e o que representa para mim) obtive uma colagem enorme num papel em forma de seta, a qual está sempre apontada para mim mesmo que na realidade não esteja. Este trabalho ajudou-me muito a chegar á conclusão que em cada objecto está um significado e também foi benevolente e útil para descobrir quem sou e o</p>	12M

que faz de mim “eu”.	
Título do trabalho: <i>Afunilamento do ser</i>	